



Preâmbulo . Contexto

Desde tempos imemoriais que o território a que hoje chamamos região de Lisboa tem sido um sítio privilegiado para assentamentos e atividades humanas. Um conjunto quase único de características tectónicas e naturais realça uma relação equilibrada entre colinas e vales, proporcionando um território diversificado de lugares correlacionados entre si e preponderantemente orientados para o belo e inconfundível estuário do rio Tejo.

Este território tem sido objecto de uma persistente passagem, permanência e sucessão de culturas da qual emerge, implícita e explícita, uma memória física densamente estratificada ao longo do tempo. Dos edifícios aos artefactos e da paisagem à cultura, as raízes destas origens longínquas estão presentes por toda a cidade, criando um sentido coerente e profundo que emerge naturalmente na estrutura urbana, hoje algo densa, diversa e intrincada.

Esta estrutura telúrica, em declive e virada ao imenso estuário do rio, é intrínseca à identidade do território a que chamamos Lisboa. Essa sensação única de beleza identitária, entrelaçando uma poderosa estrutura mineral com um plano líquido emerge da miríade de volumes e caminhos sugeridos para descobrir e percorrer a cidade. Como qualquer cidade viva, Lisboa continua a mudar e a evoluir, tentando reinventar-se de acordo com os desígnios dos seus habitantes na procura de novas nuances para a sua coerência. Num ciclo ancestral, os seus indissociáveis montes, vales, leitos e cursos de água são constantemente [re]interpretados, proporcionando um forte sentimento de pertença a este fio temporal ininterrupto.

Ao longo do tempo, tirando partido da segurança dos cumes e da fertilidade dos vales e dos estuário, que inúmeras estruturas construídas se adossaram ao território de um modo natural. Ininterruptamente, desde que há memória e registo, as construções, aglomerados e caminhos que sucessivamente ocuparam e marcaram estes lugares partilham uma indissociável [e directa] relação com a água. Quer seja na orla com o estuário quer seja nas diversas linhas de água ao longo dos vales, Lisboa é uma cidade de [e da] água.

O século XX, mercê da intensidade e voragem da economia industrial pesada que se registou um pouco por todo o globo, originando inclusive a passagem ao Antropoceno, altera também em Lisboa esta relação contínua e natural entre a cidade e o rio. Que é fortemente afectada. Com efeito, ao longo do Séc. XX a orla ribeirinha da cidade de Lisboa é gradualmente afectada por um processo de industrialização, que se revela sobretudo pela construção de uma série de complexos industriais ao longo da sua extensão [refinarias, fábricas, etc]. A que se acresce a afetação de extensas linhas de costa para a actividade portuária [caminho de ferro, pesca e mercadorias]. Este processo interrompe quase na totalidade da sua extensão, a anterior relação natural e directa entre a cidade e os vales com o estuário.

É apenas a partir das últimas décadas do Séc. XX, alguns anos após a revolução de Abril de 1974, que este processo de dissociação entre a cidade e o rio, rápido e violento, começa a ser posto em causa e, em certos casos, revertido. É neste período que são propostas, e em certos casos implementadas ao longo das duas primeiras décadas do Séc. XXI, operações de restituição da orla ribeirinha à cidade embora numa perspectiva fortemente influenciada pelo contexto de uma globalização emergente. Que ficaram indelevelmente ligados aos diversos processos de gentrificação que se registam a partir daí.

Numa simplificação grosseira pode considera-se que o foco da ocupação deste território sofreu alterações de paradigma relevantes. Até ao início do Séc. XX a ocupação é sobretudo resultado de uma perspectiva humanista da cidade enquanto Fórum e/ou Ágora. Durante o Séc. XX Lisboa é desenvolvida e intervencionada sobretudo numa perspectiva de urbe enquanto Infraestrutura. No Séc. XXI o desenvolvimento da cidade, grosso modo, tem sido perspectivada enquanto Mercado Financeiro.

Enquadramento . Mais do que Casas

A investigação a desenvolver pressupõe *“uma reflexão crítica e propositiva sobre os desafios contemporâneos da habitação e do espaço público na construção de uma sociedade intercultural e de promoção da cidadania global”*, numa perspectiva acerca do futuro [2074, ou seja 100 anos após o 25 de Abril], suportada em programas [sobretudo] de habitação nomeadamente o Serviço de serviço de Apoio Ambulatório Local [SAAL]. Partilha enquanto objectivo estratégico a reflexão, o debate e o desenvolvimento de propostas críticas que identifiquem e respondam aos desafios da contemporaneidade no âmbito dos pressupostos expressos na plataforma académica *“Mais do Que Casas”*.

Projecto . Proposta Operativa

Os projectos propostos para esta [re]leitura do extremo ocidental do território da Grande Lisboa, na transição entre o estuário e o oceano, serão desenvolvidos enquanto respostas críticas e operativas que têm como objecto o repensar toda a frente marítima entre Algés e a Cruz Quebrada [a chamada *“recta do Dafundo”*]. Procurarão, no âmbito das oportunidades de intervenção e possibilidades contemporâneas, novos sentidos para uma vivência urbana socialmente integradora, que acrescente nexos coerentes ao já longo percurso que marca a fixação humana [bem como a indissociável relação com a água] neste território desde tempos imemoriais. Escalas de intervenção:

- . Reconhecimento [História, Teoria, Ciências Sociais, Tecnologia/Materiais]
- . Paisagem [Plano, Espaço Público, Habitação, Serviços, Equipamentos]
- . Objecto [Inserção, Definição Geral, Parcial e Detalhe. Mapas]

Conceitos Estruturantes

A Cidade de [e da] Água: da escala do estuário à escala da mão. Palavras chave: Pedra [Sólido], Água [Líquido], Natural, Artificial, Comunidade, Memória, Futuro, Paisagem, Cidade, Casa, Forma, Matéria, Natureza, Ecologia.

Lisboa, Carcavelos, 10 de Setembro de 2023

